

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR: UM OLHAR SIGNIFICATIVO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA EJA

Dayana Fernandes da Cruz Rodrigues Lacet; Erica Lira Albuquerque de Lima; Tays de Sousa Santos; Thamiris Cristina Alves da Silva; Suelídia Maria Calaça

Universidade Federal da Paraíba
lacetdayana@gmail.com
erica.lira.1819@gmail.com
tayssousa95@gmail.com
thammyjp4@gmail.com
sueluc88@hotmail.com

Resumo

Compreendemos a educação popular como uma possibilidade de desenvolvimento de educação que se importa com a condição social dos educandos, buscando englobar no processo de aprendizagem a realidade a qual fazem parte. Busca trazer os conhecimentos dos sujeitos para a sala de aula e desenvolver os saberes informais através da educação considerada formal. Consideramos necessária a Educação Popular como base para o aprimoramento da prática educativa na Educação de Jovens e Adultos. Abordamos neste trabalho os conceitos de Educação Popular e EJA ressaltando a significatividade que deve ser considerada nos processos de ensino e aprendizagem. Repensamos a importância do educador nesse processo e sua influência para que a educação seja eficaz. O projeto escolar foi uma atividade desenvolvida a partir do Projeto PET - Conexões de Saberes da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, no qual procuramos abordar a utilização de gêneros textuais na EJA (pesquisados em artigos, livros e vídeos acerca da temática) como forma de nos nortear para desenvolver com esses sujeitos a leitura e escrita. Relatamos nossa prática educativa realizada em três escolas distintas, mas que possuíam os mesmos objetivos. No projeto escolar procuramos trazer concepções pertencentes à Educação Popular como forma de sustentarmos a prática na EJA. Com base nas discussões desenvolvidas no projeto PET e ideias de Paulo Freire, encontramos na teoria a base para repensarmos a prática. O aprendizado adquirido foi bastante relevante para refletirmos sobre a nossa prática pedagógica e servir de reflexão para outros docentes também, contribuindo para repensarmos a educação atual de forma mais ampliada.

Palavras-chave: Educação de Jovens e adultos, Educação Popular, Aprendizagem significativa.

Introdução

A educação popular é um método educacional que valoriza o conhecimento que os educandos já possuem e suas realidades culturais na perspectiva de construir novos saberes. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que dá a oportunidade de retornar à escola a vários educandos que por diversos motivos pessoais (condições financeiras, trabalhar cedo, a escola ser longe, repetente etc.) não tiveram condições de continuarem seus estudos. Sendo assim, procuram a escola tardiamente para poder prosseguir com seus estudos (ou até mesmo se alfabetizar), para arranjar um

emprego melhor; aprender a ler, escrever, fazer simples contas de matemática do cotidiano, até mesmo de só fazer a carteira de estudante.

Diante dessas necessidades, com o passar do tempo, procuram a escola com os objetivos traçados, a fim de se sentirem mais úteis e ativos na sociedade. Todavia, diante de tudo isso, um verdadeiro docente, por amor à sua profissão e dedicação procura mostrar para esses sujeitos que a educação pode levá-los a irem muito mais além.

Neste artigo pretendemos investigar a metodologia dos professores da EJA de rede municipal e estadual do município de João Pessoa e Santa Rita do ciclo II (equivalente ao 4º e 5º ano). Além disso, relataremos uma experiência vivenciada na EJA, tendo por intuito o desenvolvimento e aplicação de um Projeto Escolar que viabilizasse um processo ensino aprendizagem que fosse significativo na vida dos educandos, buscando compreender a metodologia aplicada pelo professor da EJA e como poderíamos contribuir de forma que a nossa participação pudesse proporcionar uma experiência que ultrapasse o tradicionalismo e a infantilização de uma educação que é destinada a um público que necessita de uma prática educativa que se enquadre às suas necessidades.

Metodologia

Nesta pesquisa utilizamos a observação de aulas nas turmas da EJA dos ciclos I e II, bem como nossa vivência na própria sala de aula, na busca de descobrir se já teria a presença da Educação Popular nessas turmas e de que forma poderíamos mostrar e contribuir a significatividade desse saber popular para essas turmas.

Dessa forma, observamos a dinâmica da sala de aula, a interação entre o educador e os educandos e as principais dificuldades enfrentadas pelos sujeitos da EJA. Vivenciamos também a observação com participação, auxiliando os educandos nas atividades realizadas em sala de aula. Como afirma o Conae-Mec (2014, p. 21)

A Educação Popular, portanto, desde a perspectiva da educação de jovens e adultos, passando pela universalização do direito à educação pública, gratuita e de qualidade esteve sintonizada com os principais debates de seu tempo. Hoje se discute, com a Política Nacional de Educação Popular, que esta perspectiva político metodológica, além de ser percebida como um método, pode subsidiar a construção de políticas públicas democráticas, participativas e voltadas aos interesses das classes subalternas, maioria de nossa população.

No nosso momento da prática investigamos por meio do diálogo durante as observações, a fim de saber seus conhecimentos prévios e assim trazer os conteúdos que tivessem conexão com suas realidades que trazem seus valores

históricos e culturais, conectando com nossos contextos atuais afim de emancipar esses sujeitos que foram subalternos ao longo da história.

Resultados e Discussões

O que é a Educação de Jovens e Adultos?

A Educação de Jovens e Adultos designa uma área de conhecimento que possui um arcabouço teórico-metodológico construído a partir da Educação Popular, originalmente designada de Educação de Adultos. Atualmente é uma modalidade da Educação Básica que acontece nos níveis fundamental e médio. Nela estão incluídos jovens, adultos e idosos que não tiveram sua escolarização na “idade certa”. Pela especificidade de seus sujeitos, coloca-se como uma educação inclusiva, mas principalmente política.

Os jovens e adultos muitas vezes, não acreditam que podem conseguir concluir os estudos naquela idade, principalmente os adultos, alguns vão à escola apenas com o intuito de concluir o ensino fundamental II e com a idealização de alcançarem uma maior estabilidade profissional. Esta falta de esperança em si próprios alimenta o desestímulo nos educados e nos educadores, acarretando uma educação que não satisfaz a nenhum dos sujeitos deste processo educativo. Conforme Furtado (2015, p. 55-56) enxergamos que:

Os jovens da EJA já se posicionam no espaço escolar com déficit na vontade e na capacidade de aprender. Esse cotidiano é velado, é escondido, não há o reconhecimento de sua existência, a prática educativa desenvolvida na escola ignora essa realidade. Mas não podemos esquecer esse “mundo memória”, memória da escola da infância, das situações vivenciadas, das trajetórias marcadas e estigmatizadas pelo insucesso, memória do corpo, das ações, das atitudes que expressam não conformidade, dos gestos de descrédito, da ausência de uma prática educativa contextualizada e problematizadora.)

Nos dizeres da autora citada, percebemos a importância de uma prática educacional que vise estimular e garantir uma educação que desperte nos educandos a motivação em aprender, e os professores devem possuir a ânsia por ensinar, possuindo ainda a convicção de que é um processo mútuo. Ressaltamos a necessidade de lembrarmos que os sujeitos da EJA são seres já vividos, possuem uma trajetória de vida e particularidades que foram adquiridas conforme suas vivências, torna-se ainda mais desafiador para o professor encarar essa situação, pois uma grande parte dos professores pensam na educação como um mero passa tempo, não como uma ação que proporciona mudanças na vida das pessoas e que contribui para a transformação social.

A modalidade de ensino EJA em dias atuais requer um pensamento mais renovado e crítico no que se refere às políticas educacionais, pois o trabalho pedagógico ofertado nessa modalidade deve oferecer um caráter pedagógico com a intencionalidade de alfabetizar e ir além de um ensino para a certificação.

O que é Educação Popular?

Para compreendermos de fato o que seria a Educação Popular não basta pensarmos que é um tipo de educação destinada a uma determinada classe social, nesse caso, os sujeitos da classe popular, até porque ela pode acontecer em qualquer lugar, com qualquer pessoa. De acordo com Gadotti (2013), a educação popular tem seu caráter a partir de uma significatividade e democracia pedagógica. Sua visão, quando levada para a esfera emancipadora, cada um no seu espaço singular de atuação, logo, contribui na formação de si mesmo e no coletivo da forma mais sutil possível.

À vista disso, de maneira simplificada, a educação popular trata-se do ensino aprendizagem na diversidade, relações comunitárias, respeitando suas diferenças e ofertando seu conhecimento através do diálogo. Além disso, a educação popular procura abranger os interesses dos indivíduos que constituem o âmbito escolar, buscando trazer o conhecimento vivenciado no cotidiano para fazer conexões com o conhecimento tido como formal, adquirido na escola.

A diversidade é uma fonte de riqueza no qual convivemos e conhecemos cada dia mais, pois ela abrange a cultura que cada indivíduo leva consigo. Para que essa convivência seja levada de maneira positiva, devem existir o respeito a essas diferenças e um compromisso ético e político de cada um. Desta maneira, percebemos como o âmbito cultural tem sua importância no processo educacional. Neto (1999) através da ação cultural, cada vez mais se têm a necessidade e clareza da colaboração entre grupos, entre os trabalhadores para sua autodeterminação e crescimento.

A educação popular considera os educandos como seres pensantes, que necessitam ser incentivados a despertar o que já possuem, conhecimentos que foram adquiridos no decorrer de suas vivências, abrangendo a totalidade dos indivíduos. Na educação popular há a preocupação em tornar o conhecimento o mais próximo possível da realidade dos educandos, possibilitando uma aprendizagem ativa em que todos constroem conhecimento e moldam suas impressões diante do que é exposto, ou seja, o educando passa a ser um indivíduo ativo nesse processo e contribui diretamente para os resultados que serão obtidos conforme a metodologia utilizada.

Portanto, a educação popular por levar em conta a cultura, a história, o conhecimento prévio, tem por finalidade levar em conta o conhecimento exclusivo de cada um. Podemos concluir de fato que a mesma é um tipo de pedagogia socialmente relevante, que traz em sua metodologia o aprimoramento do conhecimento e faz com que os educadores se sintam próximos ao que estudam.

A importância do diálogo

Quando se trata da educação a partir de suas histórias e realidades de vida esta se torna mais significativa e sentimos mais vontade para manifestar nossa opinião. Como já dizia Freire (2014, p. 108) “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. A partir daí, percebemos a importância do diálogo, da troca do conhecimento. Dialogar, antes de tudo, é um gesto de humildade pois para que o diálogo exista, é necessário que eu saiba escutar meu próximo, respeitar a vez do outro, para assim poder me pronunciar.

Indiscutivelmente, que o diálogo é a base para que a educação emancipe sujeitos, traga a eles um olhar sobre a sociedade que não era visto antes. Esse olhar, nada mais é do que a criticidade, isto é, enxergar que na vida temos essa capacidade de pensar, refletir, e expressar, de tal maneira, que percebemos que não somos obrigados a concordar com tudo o que nos é imposto diariamente. Acerca dessa questão Freire (2014, p. 110) nos diz: “Não há diálogo sem um profundo amor ao mundo e aos homens”. O cuidado no ato de falar, de ouvir, e de cuidar do outro fazem que a educação tenha motivos para ser discutida, interpretada, sentida, não só nas relações de educador e educando, mas como seres humanos que necessitamos desses fatores para viver harmoniosamente.

Na educação, o diálogo vai atribuir outros contornos no processo educacional. Dialogar envolve a capacidade do ser humano em comunicar-se com o outro, essa ação permite ampliar nossos conhecimentos. Ao nos comunicarmos deixamos explícito quem somos, pois através do falar identificamos de qual região o falante é oriundo e quais os seus ideais acerca de determinados assuntos.

O diálogo possibilita ainda nos vermos na outra pessoa, pois conforme essa troca acontece percebemos na fala do outro os nossos interesses, o que concordamos e o que discordamos, e essa variedade de opiniões nos permite exercitarmos o nosso olhar para nós mesmos.

A significatividade nos processos de ensino e aprendizagem

O conhecimento faz parte de nós, conforme vivemos vamos conhecendo e adquirindo experiências que irão moldar quem seremos e quem somos. A todo momento percebemos que ainda há muito o que conhecer, e que independente da idade que possuímos sempre haverá algo novo para descobrirmos. Conhecer significa ir em direção a outros horizontes, sair da acomodação e buscar desafios, não é uma tarefa fácil, pois tudo aquilo que envolve a nossa estrutura cognitiva requer desafios para serem superados e conseqüentemente adquirir aprendizados que nos serão úteis.

Qual a utilidade do que aprendemos na escola? Em que momento da minha vida utilizarei os conhecimentos adquiridos no âmbito escolar? Muitos educandos se questionam sobre isso. Acontece que os saberes produzidos na escola não condizem com os saberes que os educandos já possuem, dificultando assim a produção do conhecimento porque não há estímulo. As pessoas não são incentivadas a pensar, refletir e se colocarem diante do que estudam, nas escolas há apenas a reprodução do saber, não proporcionando dessa forma o prazer em aprender e ensinar. Assim, Lemos (2005, p.4) nos faz refletir que:

O processo educativo, da forma como vem sendo desenvolvido, tem contribuído para que os alunos acabem treinados a memorizar conceitos, definindo-os com frases prontas, sem saber explicar o significado das palavras citadas nessas definições e, principalmente, não acostumados a pensar.

Na afirmação de Lemos (2005) percebemos que nas escolas há uma forte presença de uma educação tradicional, colaborando para que os educandos sejam apenas receptores das informações que lhe são passadas, atribuindo aos alunos a função de ficarem em silêncio. De acordo com Freire (1979, p. 41): “Assim, a educação passa a ser ‘o ato de depositar’, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Em lugar de comunicar, o professor dá comunicados que os alunos recebem pacientemente, aprendem e repetem.”

Foi justamente com a intenção de trazer para as salas de aula da EJA a significatividade no processo ensino-aprendizagem que optamos por realizar o projeto escolar, buscando introduzir nos assuntos que seriam desenvolvidos em sala uma perspectiva da educação popular e conseqüentemente uma aprendizagem que fosse significativa para os educandos. Essa atividade foi desenvolvida a partir do PET - Conexões de Saberes, projeto de educação tutorial da Universidade Federal da Paraíba.

O docente na EJA: desafios e perspectivas

Do ingresso na universidade ao exercício da profissão docente o estudante já se depara com desmotivações que é causada pela precarização do trabalho

do profissional da educação e conseqüentemente sobre a desvalorização social. Estes, por sua vez refletem-se nos baixos salários, poucas condições de trabalho, falta de materiais, estrutura física das salas de aula que desmotivam o seu trabalho, além de lidar com a falta de motivação dos alunos, indisciplinas, violência, drogas, e outras questões interdisciplinares que afetam diretamente a aprendizagem dos alunos.

Além disso, pessoas sem a menor qualificação profissional são contratadas para atuar nessa área, visto que às vezes impera a mentalidade de que para ser professor basta gostar de ensinar, não precisa ir a uma Universidade ou adquirir formação. Um exemplo desse fato é o Programa Brasil Alfabetizado onde pessoas com o certificado do ensino médio são consideradas “capacitadas” para atuar na educação de jovens e adultos.

Segundo Papi (2005), sabe-se que a desvalorização social pela profissão docente foi historicamente construída e alimentada pelo o estereótipo que “qualquer pessoa poderia ministrar aulas”, sem necessitar de uma formação específica para isso. Essa mentalidade precisa ser superada, no entanto, percebe-se que realmente o exercício docente por sua vez é ministrado por indivíduos não profissionalizados, fator que contribui para a desvalorização desse profissional, que é extremamente importante na sociedade.

Em primeiro lugar, como temos mostrado, ensinar não deve se reduzir à repasse de conhecimento, ou seja, esses indivíduos não profissionalizados acreditam que é possível transmitir o seu conhecimento para o discente, quando na verdade o que o discente necessita é que seus conhecimentos vividos sejam valorizados e usados como estímulo para seu processo de aprendizagem. Diante disso, Freire (1921, p 75) nos diz:

[...] ensinar os homens a ler e a escrever, não se trata de um assunto intrascendente de ba, be, bi, bo, bu, da memorização de uma palavra alienada, mas de uma difícil aprendizagem para “nomear o mundo.

É necessário caracterizar a docência como uma formação profissional, em que o professor tem que estar a cada dia adquirindo habilidades e conhecimentos específicos voltados a essa atividade, aliando a transmissão desses conhecimentos aos alunos. Segundo Estrela (1997, p. 29).

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, que ser professor é fácil e qualquer um pode fazer, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, sustentamos que esta profissão é altamente complexa e especializada, não só quanto ao seu saber profissional específico e à forma como é avaliada no seu processo de formação

A profissionalização requer iniciativa, responsabilidade e envolvimento profissional consigo mesmo e com todos (as) os que estão em sua volta.

Prática Educativa na EJA: tentativas de um projeto escolar

A ideia de trabalhar com gêneros textuais partiu do intuito de levar a escola a deixar de lado os conteúdos infantilizados e de forma mecânica, para levar aos jovens e adultos a trabalhar suas leituras, escrita e interpretação de textos e mostrar que podem ir além por meio de conteúdos mais diversificados.

No primeiro momento observamos a metodologia aplicada pelo (a) professor (a), a relação professor - aluno e como as atividades eram desenvolvidas em sala de aula. Notamos então, que apesar dos educandos já estarem no 2º ciclo da EJA (4º e 5º anos), a dificuldade com relação a leitura e escrita era bastante perceptível, o estímulo não acontecia, os textos eram infantilizados e em duas (2) horas de aula poucas atividades eram realizadas, o tempo não era aproveitado da forma devida e ao invés do processo ensino aprendizagem acontecer de forma significativa os educandos viam-se diante de um processo de escolarização totalmente desassociado de suas realidades.

A partir das observações feitas, percebemos a necessidade em trabalhar o ensino de português a partir de gêneros textuais diversificados, buscando desafiar os educandos a pensar e refletir sobre as atividades. Dessa forma, procuramos utilizar poemas, crônicas, bilhetes, cartas e dicionário com o intuito de compartilhar com os educandos e educadores a variedade de gêneros textuais que podem ser trabalhados em sala de aula e a importância do contato com uma maior diversidade de materiais pedagógicos.

Depois de algumas observações de aulas, aplicamos um questionário como forma de conhecer os perfis dos alunos (lugar onde mora, naturalidade, renda, sexo; idade; estado civil; quantidade de filhos; quantidade de pessoas que mora; renda familiar; se trabalha e; etnia; religião e se tem acesso a internet, sem que os mesmos se identificassem).

O projeto escolar foi realizado em grupo, aplicaríamos o mesmo projeto escolar em escolas distintas e através de metodologias diferentes, cada uma colocando na prática suas concepções. Sendo assim, no prosseguir das atividades partimos para a então esperada prática. Iniciamos no final de maio para junho de 2016, na Escola Municipal Índio Piragibe.

Fizemos leitura e interpretação sobre o poema “retrato” de Cecília Meireles. Vieram apenas quatro (4) educandos devido a chuva forte nesse dia. No primeiro momento, realizamos uma leitura do poema, em seguida instigamos com perguntas cada frase para inquietá-los sobre a mensagem que o poema gostaria de nos

passar. Na medida que íamos dialogando sobre o mesmo, trazíamos nossas reflexões sobre nossas vidas, a transição da juventude para o envelhecimento. Nesse momento, estávamos adentrando na interpretação do poema de maneira muito sutil, pois o mesmo trata justamente sobre nós mesmos e nossas histórias de vida. Após esse momento de reflexão, entregamos aos educandos da EJA uma atividade com três (3) perguntas em relação ao poema: a primeira solicitando que respondessem o que compreendeu com suas palavras; a segunda identificar quais os adjetivos que encontrou e por fim que escrevessem características do seu “autorretrato” ou compartilhassem alguma história de vida pessoal. Nessa atividade percebemos que as ideias que traziam eram bastante interessantes, mas havia certa dificuldade em escrever aquilo que expressavam. Mesmo assim, à medida que dávamos uma orientação pedagógica colocando exemplos no quadro, aproveitando suas falas e seus nomes e mostrando a eles (as) ao mesmo tempo gramática (no caso os adjetivos), pedindo que pronunciassem a palavra antes de escrever (exercitando suas leitura e escrita), conseguiram realizar a atividade com êxito.

No dia seguinte, discutimos o que eram os gêneros textuais, citamos exemplos (tanto orais como escritos), inclusive recapitulando o poema como um exemplo de gênero textual. Após a discussão do tema, pedimos que escolhessem um tipo de gênero textual, com o intuito de enviar para algum colega da sala.

Mais uma vez tiveram a imensa dificuldade na escrita. Com isso, sugerimos, que fizessem um bilhete, já que a maioria dos educandos são adultos e idosos e tem pouco contato com a tecnologia, assim sendo uma maneira de comunicação em alguma necessidade diária. No final das contas, acabaram copiando o exemplo que colocamos no quadro. No último contato com os mesmos, resolvemos não passar nenhuma atividade escrita, mas fazer um círculo com as cadeiras, para ser um momento de partilha e reflexão de tudo o que foi feito e debatido na sala de aula.

A partir daí, captamos que a dificuldade na escrita e leitura não era só por falta de prática, mas faltava uma autoestima neles mesmos, pois se achavam incapazes de enfrentar essas dificuldades, e no fim, como docentes em formação, só tentamos buscar essa autoestima novamente através de uma simples dinâmica do espelho: de se olharem como seres humanos, inteligentes, importantes e capazes de vencer obstáculos na vida e seguir em frente.

Uma outra aplicação do projeto escolar se deu em uma escola pública da cidade de Santa Rita - PB. A escola que optamos foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Jaime Lacet. Iniciamos as observações no final do mês de maio, por

causa do recesso escolar durante o período das festas juninas, só retomamos as atividades em julho. Nas observações foi perceptível a infantilização e despreocupação da professora em lidar com os educandos. As atividades eram pouco desenvolvidas e não havia um conteúdo pré-estabelecido. Geralmente era trabalhado em sala textos curtos e algumas questões interpretativas, quando não era isso se passava problemas matemáticos para que os educandos resolvessem.

Com os planos de aula aprovados pela tutora do projeto, seria o momento de colocar em prática a regência que pensamos para aplicar em sala. A primeira aula foi sobre o gênero textual poema, a princípio foi explicado o que é poema e qual a estrutura de um. Nesse dia compareceram apenas duas (2) alunas, devido ao recesso das festas juninas os educandos não foram à escola na semana indicada para o início das aulas, por esse motivo tivemos aula até a quarta feira e ficou definido que as aulas só retornariam na próxima segunda pelo motivo da presença de poucos alunos.

Essa aula foi bastante dificultosa, pois justamente nesse dia que as alunas esqueceram os óculos e estavam com dificuldades para ler a atividade proposta. Compreendemos a situação e resolvemos fazer apenas uma discussão em torno do poema *Assim eu vejo a vida* de Cora Coralina. Copiamos o poema no quadro com a maior letra possível para facilitar a leitura das alunas, elas conseguiram ler e após isso fizemos uma prolongada discussão em torno do poema. Cada uma expôs seu ponto de vista, relataram experiências que obtiveram durante a vida e disseram se identificar bastante com a mensagem. Explicamos a atividade sobre o poema e ficou combinado de respondermos na aula seguinte.

No dia previsto, compareceram sete (7) alunos (as). Distribuímos a atividade do poema, fizemos uma breve revisão sobre o que é poema e então a atividade foi respondida e discutida em sala. No entanto, no momento em que se fez perguntas onde as respostas eram pessoais os educandos apenas copiavam frases do poema, ou seja, tinham receio em colocar seus pensamentos no papel, estavam apenas fazendo cópia.

Após essa atividade, apresentamos o que é crônica, expliquei do que se tratava, em conjunto todos leram uma parte da crônica *O diamante* de Fernando Sabino, após isso utilizamos o dicionário para identificar algumas palavras desconhecidas, a atividade foi realizada em sala e todos responderam ao proposto no exercício. A última atividade proposta foi sobre o gênero textual bilhete. Apresentamos o que é bilhete e em quais situações geralmente o utilizamos, então foram distribuídos bilhetes para que cada um notasse a

estrutura. Na atividade foi solicitado que cada educando escrevesse um bilhete para o seu colega.

Percebemos que os educandos não ficaram totalmente envolvidos com as atividades, dessa forma os objetivos do projeto escolar não foram alcançados, queríamos trazer significatividade com os gêneros textuais utilizados em sala, no entanto os educandos aparentaram não compreender a proposta dos exercícios. A experiência vivenciada no projeto escolar proporcionou um outro olhar sobre as escolhas que fazemos, quando o professor escolhe sua metodologia pensa naquilo que lhe agrada e esquece-se que deve contemplar os anseios dos alunos, a prática não é apenas com eles, mas para eles e por esse motivo necessitamos pensar em objetivos que englobem suas expectativas, tornando assim a aprendizagem prazerosa.

O projeto escolar também passou por outra escola pública do município de Santa Rita-PB, na escola Odilon Ribeiro Coutinho. Durante a participação nessa escola, foi realizado tanto observações como participação. Em meio a observação identificamos que os educandos eram bastante participativos, no entanto era visível a dificuldade com a leitura e a escrita. Diante dessa dificuldade dos discentes, tivemos a ideia de elaborarmos uma aula que pudesse interagir ao máximo para que os mesmos pudessem participar através de um diálogo significativo.

Com isso, durante a prática realizamos uma aula expositiva dialógica a partir do poema *Das pedras*, de Cora Coralina. Primeiramente, apresentamos a biografia da autora do poema, explicitando que a mesma teve uma vida marcada por dificuldades como muitas mulheres da época: presa aos afazeres domésticos e uma condição financeira precária, porém sempre teve gosto pela leitura e escrita. Mesmo em meio a tudo que viveu não desistiu dos seus sonhos e aos 75 anos publicou seu primeiro livro. Depois disso, fizemos leitura e interpretação do poema, pedimos em seguida que grifassem as palavras que conheciam poema e depois compartilhassem o que conheciam e compreenderam de modo geral o poema.

Conclusão

Estar em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos é um desafio constante, e nos traz alguns questionamentos: como lidar com pessoas que apresentam um contexto social muito relevante, que passaram algum tempo distante da escola, que apresentam em seu processo de escolarização fracasso escolar, reprovação e desistência? Como adequar uma prática pedagógica que contemple os anseios de jovens, adultos e idosos? Pensar em uma metodologia que corresponda a essas necessidades é uma tarefa

que o (a) professor (a) da EJA precisa repensar. Em sua prática pedagógica o docente deve procurar envolver os educandos e propor atividades que contribuam significativamente em suas vidas.

Essa experiência nos permitiu conhecer e vivenciar as dificuldades que possuímos ao colocarmos em prática os objetivos estipulados no plano de aula, mais que isso, nos ajudou a compreendermos as nossas próprias limitações e a repensarmos nossa prática pedagógica. A experiência em sala de aula foi para nós, graduandas em pedagogia, uma verdadeira lição de como a sala de aula é um local em que deve haver a compreensão das múltiplas realidades, nos remetendo a aprimorar as nossas práticas educacionais constantemente.

Referências

CONAE-MEC. **Marco de referência da Educação Popular para as políticas públicas.**

Secretaria-Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional de Articulação Social/ Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. Brasília, 2014.

Disponível em: <<http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/MarcodeReferencia.pdf>> acesso em: 16 out. 2017.

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente.** Lisboa: Porto, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** 3 ed. São Paulo: Moraes 1980.

FURTADO, Quézia Vila Flor. **Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar.** João Pessoa: CCTA/ UFPB, 2015.

LEMOS, Evelyse dos Santos. **(Re) situando a teoria de aprendizagem significativa na prática docente, na formação de professores e nas investigações educativas em ciências.**

Disponível em: <<http://revistas.if.usp.br/rbpec/article/viewFile/88/80>> acesso em: 8 julho 2017

NETO, José Francisco de Melo, **Resistência popular: Possibilidades ontem e hoje.** João Pessoa: Editora Universitária- UFPB, 1999.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores: formação e profissionalização.** Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2005.